



*Fundado no
Sesquicentenário da
Batalha do Seival*

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE
DO SUL

200 anos de SAMPAIO

Ano 2010

Nº 87

SOBRE O CANHÃO EL CRISTIANO Cláudio Moreira Bento - Sócio Emérito do IHGB

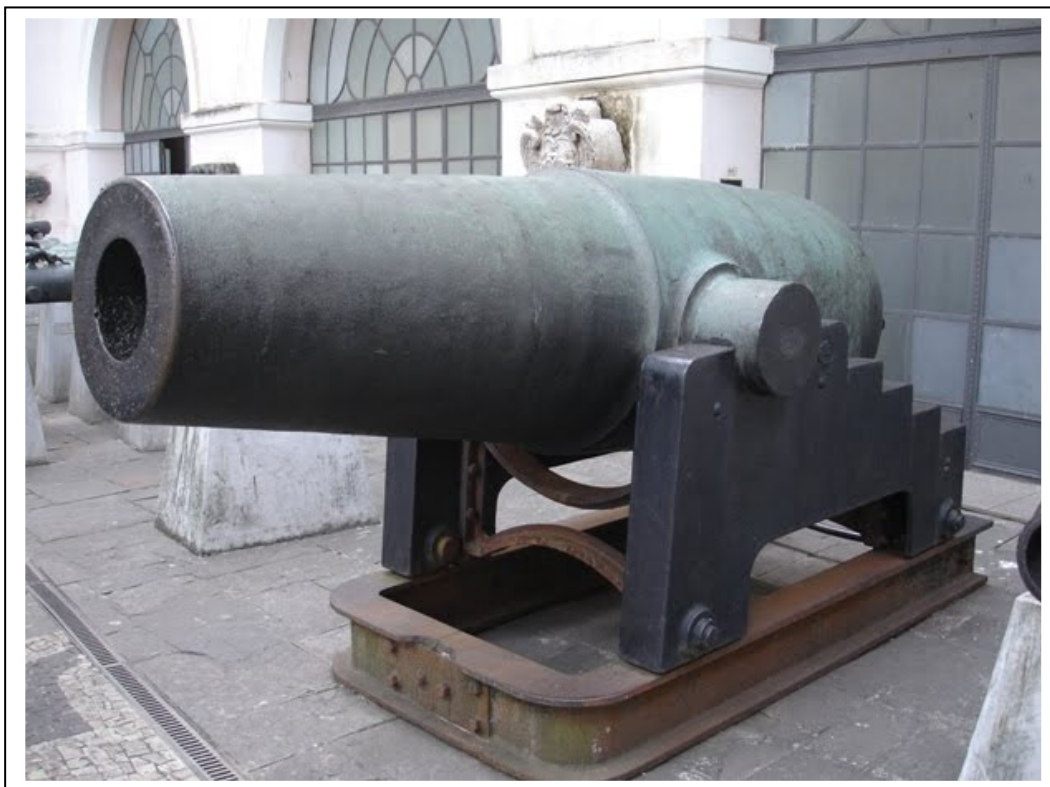


Foto do canhão El Cristiano, da Fortaleza de Humaitá, objetivo militar aliado que barrava a navegação do rio Paraguai e só conquistada depois de muitos sacrifícios e perdas humanas para os exércitos da Tríplice Aliança. Conquistada no 4º ano da guerra por uma manobra de pinça combinada de nossa Marinha (por água) e pelo Exército (por terra). Manobra que impôs a vinda de balões cativos usados pelo Governo dos Estados Unidos (do Norte) contra os sulistas. Balões que se situam nas origens de nossa Força Aérea, segundo o Brigadeiro Eduardo Gomes, herói dos 18 do forte, ao prefaciá-la história da Aeronáutica do Brigadeiro Nelson Lavanére Wanderley, atual patrono da Delegacia da AHIMTB em

Santos Dumont e patrono do Correio Aéreo Nacional (CAN). Este canhão foi fundido com o bronze dos sinos das igrejas de Assunção e trazido para o Brasil como troféu de guerra, representando a resistência vencida da Fortaleza de Humaitá, a Sebastopol Americana, que tantas vidas brasileiras imolou e que por pouco não nos levou o intrépido e legendário General Osório, no comando de um arriscado reconhecimento à viva força em Humaitá.

O Jornal da Globo, em reportagem no Museu Nacional, abordou que o Ministério da Educação decidiu autoritariamente, sem consultar o povo, devolver ao Paraguai um troféu de guerra, o canhão El Cristiano, construído no Paraguai com sinos retirados de igrejas de Assunção e cuja atuação foi responsável por milhares de vidas brasileiras imoladas, que foram até o Paraguai para lutar em defesa da Integridade e da Soberania do Brasil, numa guerra que não provocaram e que resultou da invasão do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul por ordem do dirigente do Paraguai, Francisco Solano López.

A decisão de devolver o canhão ao Paraguai é uma atitude que fere a Democracia, a qual o atual Governo proclama existir e respeitar. É uma demonstração de falta de cultura do Ministério da Cultura, segundo alguns analistas.

Um filósofo inglês, Gilbert Keith Chesterton (1874-1936), firmou tese sobre “...**a tradição e a democracia dos mortos**...”, ou seja, os mortos desfrutam da Democracia quando as tradições por eles criadas são respeitadas pelos vivos.

Os milhares de brasileiros imolados nesta guerra não tiveram respeitadas as tradições que criaram. No caso do Canhão El Cristiano, por tudo que ele significou para os brasileiros que combateram na guerra do Paraguai, permanecer no Brasil, em memória dos mesmos.

Já Péricles, o pai da Democracia grega, falando sobre os mortos gregos nas guerras afirmou:

“Aquele que morre em defesa de sua pátria, faz por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas”.

O próprio Exército de uns tempos para cá marcou como seu objetivo estratégico cultural atual:

“Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército”.

E o canhão El Cristiano se enquadra integralmente nesta definição. As grandes nações, potências e grandes potências militares, assim aprendi e ensinei na Academia Militar das Agulhas Negras, não abrem mão de seus troféus de guerra.

Como historiador militar há 40 anos nunca presenciei nenhuma atuação e iniciativa do Ministério da Cultura de apoiar ações de prestígio à Cultura Militar Brasileira. Hoje, atividade mais importante do que nunca

para que suas Forças Armadas desenvolvam suas doutrinas militares genuínas compatíveis com a crescente projeção geopolítica social, econômica e política mundial do Brasil, para que isso lhe assegure maior poder dissuasório.

Isto é fundamental para o Brasil ter o mínimo de condições para defender as riquezas de sua Amazônia, Verde e a Azul, em relação às ambições internacionais reais e potenciais sobre as suas riquezas. Temos convicção que o Barão do Rio Branco, um diplomata modelo, com alma de soldado, não devolveria o canhão El Cristiano. E se o fizesse seria o El Cristiano fundido na forma de sinos para as igrejas de Assunção, de onde eles foram retirados para fundi-lo.

Espero, como historiador militar, que o Exmo. Senhor Ministro da Defesa e seus comandantes consigam, junto ao Presidente da República, abortar esta manobra, como conseguiram abortar em parte o Plano de Direitos Humanos, que tantas reações tem provocado em diversos setores da Sociedade Nacional, impropriamente e maliciosamente denominada Sociedade Civil.

E que o Ministério da Cultura se volte para apoiar a Cultura Militar Brasileira com vistas a que dela se retirem lições militares, para o desenvolvimento de uma doutrina militar brasileira genuína, ou com o máximo de nacionalização, como o fizeram as grandes nações.

E como o fez o Duque de Caxias em 1863, como Ministro da Guerra e Chefe do Estado do Brasil, ao adaptar a Doutrina de Portugal, de influência inglesa, às realidades operacionais que ele vivenciara no comando de quatro campanhas pacificadoras e de uma guerra externa.

Até que o Brasil dispusesse de uma doutrina militar genuína.

E a hora chegou! País rico tem de ser militarmente forte. Assim se negaria esta afirmação de um pensador brasileiro, ao analisar o momento brasileiro atual e considerar a existência de uma total alienação relativamente à memória nacional, só valorizada pelas Forças Armadas e Auxiliares e pelos imigrantes que consideram viverem num paraíso, o Brasil.

"NÃO HÁ CULTURA DOMÉSTICA, TRADIÇÕES NACIONAIS, SÍMBOLOS DE CONTINUIDADE FAMILIAR. A MEMÓRIA COLETIVA ESTÁ INTEIRAMENTE À MERCÊ DE DUAS FORÇAS ESTRANHAS: A MÍDIA E O SISTEMA NACIONAL DE ENSINO. QUEM DOMINAR ESSES DOIS CANAIS MUDARÁ O PASSADO, FALSEARÁ O PRESENTE E COLOCARÁ O POVO NO RUMO DE UM FUTURO FICTÍCIO".

Aqui meus cumprimentos pela reportagem do **Jornal da Globo** no Museu Nacional, onde se pronunciou um dedicado historiador civil, Milton Teixeira, na forma de como um militar brasileiro se sentiria. E

creio que é como se sente a maioria dos soldados do Brasil e que não se pronunciam em respeito às duas vigas mestras do Ordenamento Jurídico nacional: a Hierarquia e a Disciplina. Foi uma reportagem do Jornal da Globo que honra a Fundação Roberto Marinho, e que tem prestado relevantes serviços à pesquisa e a preservação da Memória Histórica Brasileira, o que se constitui um dever de Estado pouco praticado entre nós.

Depois deste episódio dantesco, só falta demolir as grades que cercam o Monumento ao General Osório na Praça 15 no Rio, e devolvê-las ao Paraguai. Elas, que foram fundidas com material de canhões paraguaios, os quais imolaram preciosas vidas de brasileiros ao atacarem de peito aberto suas posições defensivas.

O Ministério da Cultura deve atentar para as diversas dimensões da Cultura Brasileira. E se não puder ajudar não as atrapalhe. Esta doação a do El Cristiano, se efetivada, fará se revolver em suas tumbas os civis Voluntários da Pátria, que reforçaram o Exército e, inclusive, os que receberam, como compensação, terras onde hoje se ergue o progressista e industrial ABC paulista.

Na literatura mundial não se encontram nações que devolveram seus troféus de guerra.

Esta pretensa doação do canhão me faz lembrar o grande historiador da Amazônia Arthur César Ferreira Reis, que mencionou existir no Pará um Museu com uma preciosa coleção de moedas. E que, numa partilha de cargos pelo grupo vencedor das eleições estaduais, o museu coube a um político que não possuía tradição no trato e valorização do patrimônio histórico nacional. Mas era bom moço. Quando um amigo visitava o museu e achava bonita uma moeda da coleção, ele a apanhava e doava ao amigo.

Perdoem-me. Mas até prova em contrário a idéia da devolução de El Cristiano me faz lembrar esta personagem irresponsável.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS – lecaminha@gmail.com